



# REVISTA SANTA CATARINA em HISTÓRIA

vol 19 | nº 1 | 2025 ISSN: 1984-3968



Arte da Capa: Montagem a partir da Estátua de Roma Triunfante, localizada em Villa D'Este, Tivoli / Itália e cascas de árvore | 2025. Por Elaine Schmitt

## Editorial

Com entusiasmo apresentamos o volume 19, número 01, de 2025 da Revista Santa Catarina em História. Nesta edição fizemos algumas alterações nas publicações da revista e contamos - mais uma vez - com mais um leque de pesquisas sobre a História e historiografia de nosso estado, totalizando onze publicações, sendo elas: dois artigos, oito estudos e uma resenha. As pesquisas são de diferentes temáticas, envolvendo gênero, política, cultura, imigração e migração, racismo, xenofobia, interseccionalidade, memória e economia.

Damos ênfase que de onze publicações, cinco delas abordam às mulheres catarinenses, de diferentes modos, mostrando as suas vivências, desigualdades, conquistas, direitos e outros. Frisamos, pois, 50,7% do estado é formado por mulheres (Censo, 2022), porém nem sempre elas aparecem em nossas pesquisas. Outros trabalhos nos mostram a colonização, cultura, racismo e memória. De diferentes formas os autores e as autoras trazem o porquê de Santa Catarina ser tratado como “o estado mais europeu do Brasil”, sendo essa uma construção que ainda se encontra na midiática e nos discursos governamentais.

De diferentes formas e aos seus modos de pesquisa, os autores e as autoras que contribuíram com essa edição trazem uma versão da História e da historiografia do estado nas quais buscam a desconstrução de estigmas e preconceitos, pois, trabalham com uma história não oficial que não foi ainda escrita. São reflexões que, mesmo datadas, algumas do século XIX e outras contemporâneas, nos inquietam e nos trazem a ver nosso dia a dia como moradores e vivenciadores do que as fontes históricas nos apresentam.

Nesta edição contamos mais uma vez com a contribuição da Elaine Schmitt para a capa, desta vez, a arte foi realizada trazendo a "Estátua de Roma Triunfante", localizada na Villa D'Este, em Tivoli, Itália. A estátua foi criada pelo escultor flamengo Pierre de la Motte em 1568, e foi baseada na deusa romana Fortuna - deusa da sorte, fortuna, acaso e destino - representando Roma como uma figura feminina, coroada e vestida com roupas longas, simbolizando o poder e a vitória da cidade. Sendo a estátua de Fortuna em Villa d'Este um dos muitos elementos que celebram a cultura romana e a história da cidade. A escolha desta arte em nossa edição é significativa, pois ela simboliza a distribuição de bens e a coordenação da vida dos homens e mulheres, símbolos que aparecem em nossos trabalhos e trajetórias, e que hoje, sabemos que muitas vezes são condicionados por família, cor, raça, sexualidade, status social e/ou econômico, gênero e outros.

No artigo “**A Violência Política de Gênero em Santa Catarina: o caso de Maria Tereza Capra**”, Manoela de Oliveira Veras, Veronika Leyes Decker, Joana Maria Pedro e Janine Gomes da Silva, trazem como a violência política vem crescendo nos últimos anos,

focalizando na violência política de gênero. Para falar dessas difamações, ameaças e agressões verbais, físicas e psicológicas as autoras utilizam o caso de Maria Tereza Capra (PT), vereadora de São Miguel do Oeste (SC) em 2022, que denunciou uma suposta manifestação nazista. No artigo, as autoras discutem violência política de gênero, extrema direita, e a trajetória de Capra através de entrevista realizada com ela, assim como, publicações sobre o episódio na mídia impressa e na internet. Entre os resultados preliminares, encontra-se a vinculação da violência política de gênero com a escalada da extrema-direita no cenário estadual.

Já no artigo **“Dazaranha: o pertencimento, a preservação e o universo fantástico em seu álbum de estreia”**, Samuel Ribeiro Lemes nos apresenta a partir da relação de História e Música a noção de pertencimento à comunidade; a preservação da Ilha de Santa Catarina; e a temática mito-mágica da cultura florianopolitana realizada pela banda Dazaranha em seu álbum de estreia, em 2000, por meio das canções “Mário César”, “Shau Pais Baptiston” e “Galheta”. Além disso, o autor utilizou matérias jornalísticas e entrevistas para perceber a trajetória dos membros da banda e o sucesso que ela se tornou no estado.

Na seção de estudos, Isabela Martini Pereira, em pesquisa intitulada **“Análise de conteúdo da exposição “Miradas do Porvir” do Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville - SC”** analisa as narrativas históricas presentes na exposição de longa duração “Miradas do Porvir” de maneira qualitativa focando na interseccionalidade de gênero, raça e classe. A autora demonstra como a exposição foi criada para problematizar o discurso oficial, mas como continua repetindo-o, pois percebe-se a prevalência da perspectiva do imigrante europeu acima de outros sujeitos da história de Joinville, como por exemplo: a população negra, indígena e a classe trabalhadora. Assim como, a autora também percebeu que os estereótipos de gênero são reafirmados na exposição, mostrando a disputa narrativa em torno da colonização de Joinville.

Já no estudo **“Os Comandos Nacionalistas de Brizola: atuação e repressão em Santa Catarina em meados de 1964”**, Chiara Lua Tamanini elucida o caráter dos Comandos Nacionalistas, liderados por Leonel Brizola e procura compreender a forma como o trabalhismo foi imputado como atividade subversiva às vésperas e durante o período conhecido como ditadura militar brasileira (1964-1985). Para que isto fosse possível, a autora analisou documentos mencionados na Comissão Estadual da Verdade Paulo Stuart Wright.

Ao pesquisar política, Júlia Schuster Strack, em pesquisa intitulada **“A Construção da Esfera Política: a (in)visibilidade da mulher catarinense”** analisa a trajetória da primeira prefeita eleita de Santa Catarina Maria Zandonadi de Carvalho (PMDB), no ano de 1988, para refletir invisibilidade das mulheres catarinenses na política institucional. A autora

perpassa por política de presença e de ideias, representatividade de gênero, estereótipos, esfera privada/pública e o conceito de capital familiar para demonstrar como o modelo político local reproduz visões “assistencialistas” que confinam mulheres ao cuidado. A pesquisa foi feita a partir do depoimento da prefeita.

Em **“O Caso Gracinha e o papel da Justiça Catarinense na perpetuação do racismo e do sexismo”**, Nicole Possenti Hahn, analisa o caso da quilombola Maria das Graças, popularmente conhecida como Gracinha por meio de alguns trechos do relatório da assistente social que acompanhou o caso. Maria das Graças, em 2014, teve suas filhas retiradas de seus cuidados pelo Tribunal de Justiça de Santa Catarina, sob justificativas que mostram o caráter racista e sexista do aparato judicial do estado. Assim, a autora discute a interseccionalidade no caso e também no contexto catarinense.

Luiza Rios em estudo intitulado **““Santa Catarina dá certo” migração nordestina e negação do trabalho em tempos de extrema-direita (2020-2024)”**, analisa a formação da identidade catarinense sobretudo a partir da imigração europeia para o estado e depois a migração nordestina. A autora entrecruza trabalho e política, com foco na ascensão da extrema direita e os usos do passado em discursos xenofóbicos contra essa população, já que o descendente de europeu é considerado o bom trabalhador e o migrante nordestino não. As fontes utilizadas são matérias jornalísticas e discursos da Câmara dos Deputados.

Já em **“As muitas faces de Francisco Dias Velho A memória em disputa do fundador do Desterro”**, Vinícius De Oliveira Gadini trabalha com os múltiplos discursos em torno de Francisco Dias Velho, bandeirante, colonizador de Santa Catarina e fundador de Desterro, atual Florianópolis. Assim, o autor transita entre a figura de herói civilizador e como Dias Velho participou da escravização de indígenas, sendo que a narrativa oficial que se consolidou no século XX destaca-o como símbolo identitário da cidade, através da monumentalização de sua imagem e de sua inclusão no brasão de armas do município de Florianópolis.

Tainara Teofilo Lima em **“Aos invisíveis, a História A agência de escravizados e libertos em relações econômicas na Ilha de Santa Catarina entre as décadas de 1860 e 1880”** busca compreender a relação entre escravidão e economia na Ilha de Santa Catarina, por meio de um estudo voltado à agência de escravizados e libertos em redes informais de crédito. Para que isto fosse possível, a autora discutiu sobre a História e a historiografia de Santa Catarina para perceber a presença de afrodescendentes nesse espaço e entender o porquê eles são invisibilizados na história do estado. A análise foi fundamentada em cartas de alforria, contratos de locação de serviço e nas estratégias de escravizados e libertos para fazerem valer seus objetivos.

Na pesquisa **“Terra Prometida ou Solo Hostil: Percepções sobre Fertilidade e Produtividade na Colônia de Teresópolis (SC), 1860-1869”** Angelo Cubas Castro

analisou o discurso em torno da fundação de Teresópolis (SC), que transitava entre uma terra fértil e próspera para terras improdutivas e montanhosas. Para que fosse possível, o autor cruzou dados de petições dos colonos, cartas do diretor da colônia, relatórios do presidente da província, jornais e bibliografia que dizem respeito às questões agrárias da colônia de Teresópolis.

Por fim, “**Interseccionalidade e resistência: Mulheres latino-americanas e caribenhas na desconstrução de poderes coloniais e patriarcais**” foi resenha realizada por Leandro Freitas Oliveira sobre a obra *Mulheres latinas e caribenhas, poder e política: espaços de luta e resistência* de organização de Júlio César Suzuki, Rita de Cássia Marques Lima de Castro, Andréa Rosendo da Silva, publicado em 2024. Sendo que essa coletânea é vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM/USP), e analisa as dinâmicas de opressão e resistência de mulheres latino-americanas e caribenhas através de perspectivas interseccionais e decoloniais.

Esperamos que essa edição nos ajude a pensar a pesquisa, os sujeitos, as múltiplas facetas do fazer História. Santa Catarina é um estado diverso, de diferentes culturas, povos, memórias, que possamos cada vez mais mostrar isso em nossas pesquisas, pois o estado não é só o que as mídias e o discurso oficial fazem dele, Santa Catarina é de todos, de todas e de todes. Agradecemos aos autores e as autoras que enviaram suas pesquisas para publicação, assim como os avaliadores e avaliadoras e a equipe editorial, que tornaram possível mais uma edição. Excelente leitura!